

JUVENTUDE, CORPO E SAÚDE: QUESTÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA NO TRABALHO COM AS MÍDIAS E TECNOLOGIAS

Juventud, cuerpo y salud:
temas para la Educación Física em el trabajo com medios y tecnologías

 **Cristiano Mezzaroba**

 ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4214-0629>

Universidade Federal de Sergipe, Aracaju/SE, Brasil.

Contato: cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

 **Fabio Zoboli**

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5520-5773>

Universidade Federal de Sergipe, Aracaju/SE, Brasil.

Contato: zobolito@gmail.com

 **Fernando Gonçalves Bitencourt**

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6274-4951>

Instituto Federal de Santa Catarina – Campus São José, São José/SC, Brasil.

Contato: ferbit@ifsc.edu.br

Resumo: Historicamente a Educação Física tem no corpo e no movimento as bases de sua prática no âmbito escolar. Aqui o estudo segue a linha epistêmica das “práticas corporais” enquanto conteúdo da Educação Física escolar. Este ensaio propõe colocar em perspectiva o binômio corpo e saúde com jovens na escola tendo as mídias e tecnologias como mediadoras do processo. As reflexões aqui desenvolvidas são estéticas e políticas na medida em que pretendem sensibilizar a partir da reflexão dos temas e conteúdos oriundos das mídias e das tecnologias com a finalidade de gerar comportamentos que ultrapassem o reducionismo pautado no binômio saúde/doença no que tange a concepção de corpo.

Palavras-chave: Corpo; Mídias; Saúde; Juventude; Educação Física.

Resumen: Históricamente la Educación Física ha basado su práctica en el ámbito escolar en el cuerpo y el movimiento. Aquí el estudio sigue la línea epistémica de las “prácticas corporales” como contenido de la Educación Física escolar. Este ensayo propone poner en perspectiva el binomio cuerpo y salud con jóvenes en la escuela, utilizando los medios y las tecnologías como mediadores del proceso. Las reflexiones aquí desarrolladas son estéticas y políticas en cuanto apuntan a generar conciencia a partir de la reflexión de temas y contenidos surgidos de los medios y

tecnologías con el propósito de generar comportamientos que vayan más allá del reduccionismo basado en el binomio salud/enfermedad respecto de la concepción del cuerpo.

Palabras clave: Cuero; Medios de Comunicación; Salud; Juventud; Educación Física.

Introdução

Um dos aspectos de tradicionalidade da Educação Física brasileira é sua relação com as questões que envolvem o corpo e a pedagogização de práticas corporais, especialmente em ambientes educacionais. A Educação Física, no âmbito escolar, se utiliza das práticas corporais para atuar de modo pedagógico junto aos alunos, trazendo os saberes e fazeres da cultura corporal de movimento (Bracht, 1999; Betti, 2003).

Na contemporaneidade, crianças e jovens que participam do componente curricular Educação Física – guardadas todas suas problemáticas e limitações – estão em constante interação com equipamentos tecnológicos (*smartphones, tablets, notebooks e videogames*, por exemplo) e materiais midiáticos, especialmente aqueles da cultura digital (vídeos, imagens, sons, fotografias digitais, revistas digitais, *ebooks*, participação e imersão nas redes sociais dentre outros). Em vista disso, Mezzaroba (2015) argumenta que a mídia e as tecnologias caracterizam a cultura do contemporânea e impactam os contextos formativo e cultural, exigindo que a relação entre práticas midiáticas e mediações educativas ocorram conjuntamente, e isso já vem sendo pautado por um conjunto de agentes na Educação Física brasileira nas últimas três décadas, conforme Mezzaroba (2020).

Propomo-nos como objetivo, neste texto, tratar de uma visão geral quanto às possibilidades e limites que envolvem um trabalho possível com jovens, destacando a centralidade do binômio corpo e saúde, enquanto trato pedagógico reflexivo, crítico, produtivo e criativo no contexto da Educação Física escolar, atuando com as mídias e tecnologias (Fantin, 2006).

Na atualidade, as mídias e tecnologias são centrais para mediar o conhecimento no contexto escolar. Belloni (2012, p. 31) considera que “[...] a mídia-educação faz parte do conjunto de competências a que as crianças e os adolescentes têm direito, sendo indispensável, como o letramento, à formação do cidadão.” Na mesma direção, Fantin (2012) afirma que:

[...] as mídias e as tecnologias, hoje, não apenas exercitam novas percepções sensoriais como provocam a construção de novos significados e aprendizados que dizem respeito à própria relação com a tecnologia, que permite diversas formas de comunicação e interação na sociedade atual. (Fantin, 2012, p. 61)

Considerando-se o campo pedagógico e escolar da Educação Física brasileira, a dimensão das mídias e tecnologias tem sido objeto de estudo, de reflexões e de ações e estratégias pedagógicas, desde a década de 1990, conforme sociologia histórica operada por Mezzaroba e Bassani (2022), espaço social denominado “subcampo das mídias e

tecnologias no campo da Educação Física”. Nas mais diversas regiões brasileiras, embora não de forma hegemônica, existem agentes que têm se dedicado à utilização e tematização pedagógica das mídias e tecnologias no trato dos saberes e fazeres da cultura corporal de movimento – que envolve os objetos de ensino da Educação Física, construções humanas que vão se materializando na forma de jogos e brincadeiras, esportes, danças, ginásticas, lutas, capoeira etc.

Para cumprir o objetivo proposto pelo presente ensaio, dividimos a escrita do texto em mais três seções para além dessa introdução: num primeiro momento articulamos, resumidamente, de modo teórico, a juventude, a mídia e a relação do binômio corpo/saúde. Na segunda seção interpelamos questões de corpo e saúde para serem trabalhadas na Educação Física a partir da mídia-educação. No terceiro tomo do texto finalizamos com algumas palavras finais destacando a necessidade de considerarmos as relações entre corpo, juventude, mídias, tecnologias e Educação Física escolar.

Conceituando juventude, mídia, corpo e saúde

Compreendemos os jovens como pertencentes a uma categoria social denominada “juventude” (Bourdieu, 1983), cuja compreensão não é operada a partir do pertencimento a uma faixa etária e a critérios comuns de homogeneização, mas enquanto um empreendimento político de “ser jovem” nas condições oferecidas pelo mundo em um dado momento histórico.

Trata-se de uma categoria que vai sendo construída socialmente e que envolve os mais variados contextos nos quais os jovens fazem parte, considerando as condições sociais, as questões culturais (como etnia, religião e valores), além da dimensão que envolve gênero, aspectos geográficos etc., conforme Dayrell (2003), e acrescentaríamos elementos relacionados ao consumo e acesso e uso de tecnologias.

Gropo (2015; 2016), sob a perspectiva sociológica, tratando as noções de geração, moratória social e subculturas juvenis, procura analisar as transformações quanto aos sentidos que envolvem a juventude nas políticas públicas no Brasil, apresentando um paradigma do jovem como agente social, inclusive, considerando os estereótipos e chavões que se vinculam a esse paradigma, sugerindo um olhar crítico e dialético à sociologia da juventude.

Para Kehl (2003, p. 89), é “Difícil precisar o que é juventude”, o que leva a conceituá-la de várias maneiras, por ser um termo com certa elasticidade. Uma delas é a questão temporal/biológica, ou seja, o período em que as pessoas passam da infância para a vida adulta, sendo a puberdade o momento que marca o início desta “nova fase”. Outra, envolve a relação direta que se faz entre *ser jovem* e *ser consumidor* em potencial, presente desde a década de 1960, liberando os jovens dos freios morais e religiosos e apresentando produtos que garantem felicidade, principalmente pela via da indústria cultural. Ambas se associam com a visão prestigiosa da juventude, no que se refere aos atributos corporais.

Assim, a título de definição, articulado ao propósito de nossas reflexões neste texto, compreendemos a juventude como uma situação complexa, multifacetada e dinâmica na qual jovens se encontram com suas diferenças, enquanto agentes que participam do ambiente escolar, em específico da mediação pedagógica da Educação Física e as possibilidades com as questões que envolvem corpo e saúde via mídia (problematizando questões bastante contextuais e contemporâneas da sociedade brasileira, como por exemplo, a ênfase no culto ao corpo, as implicações desse fenômeno de corpolatria no universo dos jovens; os modismos; os estereótipos; os distúrbios alimentares (como anorexia e bulimia); os distúrbios de imagem corporal (como vigorexia, nomofobia etc.); o consumo de anabolizantes e suplementos etc.).

A mídia é entendida de modo geral enquanto materialidade e simbologia (Betti e Pires, 2005), ou seja, trata-se dos mais variados meios de comunicação (dos tradicionais, como rádio, jornais, revistas, televisão e cinema, aos relacionados à cultura digital, principalmente com o que é possível com a internet) que operam uma forma comunicacional que, além de seus conteúdos próprios, contêm simbologias e significações culturais variadas e ideológicas, impactando direta e indiretamente nas subjetividades das pessoas, e, com isso, estimulando formas e modos de comportamento (de consumo, de ação, de pensamento etc.).

A partir da modernidade as concepções de corpo, e por consequência de saúde, foram fortemente influenciadas pelos fundamentos epistemológicos biomédicos. Pensar a saúde a partir da modernidade é também pensar no corpo moderno, tal como aquele proposto tradicionalmente no âmbito da ciência hegemônica. Isso, a nosso ver, evidencia uma limitação da proposição de conceitos científicos universais pautados na biologia. Reduzir corpo e saúde a sua biologia significa também limitar o entendimento da complexidade que envolve os processos subjetivos humanos na relação saúde-doença-cuidado.

Com o advento da biologia molecular (imunologia, neurologia e genética) o corpo e a vida se ampliam na medida em que podem ser expandidos e virtualizados. O destino do corpo não está mais em sua biologia. O corpo agora pode ser manipulado, planejado e remodelado via informações moleculares. Isso inclusive mudou seu estatuto ontológico na medida em que os avanços da biologia molecular inauguraram uma nova concepção de vida e o humano passou a ser visto como um feixe de informações, no qual o destino da humanidade estaria inscrito em estruturas minúsculas do corpo: os genes, os linfócitos, os neurônios.

[...] o “estilo de pensamento” da biomedicina contemporânea considera a vida no nível molecular como uma série de mecanismos vitais inteligíveis entre entidades moleculares que podem ser identificadas, isoladas, manipuladas, mobilizadas, recombinadas em novas práticas de intervenção que já não estão coagidas pela aparente normatividade de uma ordem vital natural. (Rose, 2013, p.20)

As relações entre corpo e vida se modificaram e a molecularidade da vida aliada à biotecnologia nos trouxeram a noção de “material humano”. Em termos políticos a questão do material humano não implica somente a ideia de células-troncos, óvulos, semem, tecidos, embriões, genes, vírus etc., mas a sua capacidade de serem transformados em “corpos-estendidos” ou “biomassas externalizadas” (Manske, Pich, Zoboli, 2023). Por consequência, o conceito de vida e saúde são ressignificados, inclusive já se levantam vozes anunciando o fim da morte.

Nos discursos da tecnociência contemporânea, o “fim da morte” parece extrapolar todo substrato metafórico para apresentar-se como um objetivo explícito: as tecnologias da imortalidade estão na mira de várias pesquisas atuais, da inteligência artificial à engenharia genética, passando pela criogenia e por toda farmacopéia antioxidante. A própria morte estaria então ameaçada de morte? Tomando emprestado a retórica de seus detratores, ela estaria ficando “obsoleta”. (Sibilia, 2002, p. 50)

O presente escrito compreende a Educação Física e a saúde enquanto dispositivos que operam e colocam em funcionamento discursos biológicos que sustentam a relação de que a prática de “atividade física” (termo simplificador que é utilizado quase como senso comum pela maioria dos agentes da Educação Física brasileira) fortalece o corpo e afasta a doença. O dispositivo, segundo Agamben (2009, p.40) é: “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. O filósofo italiano vai chamar de “sujeito” o que resulta da relação do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos.

E qual seria o objetivo por trás dessa biologização da saúde? Fazer da saúde um campo biopolítico contínuo, e, em todo esse processo, quem vigia é a norma. É a materialização do que afirma Foucault (2015): o corpo é uma realidade biopolítica, a medicina é uma estratégia biopolítica.

Na biopolítica, o que não é normal será assim dado por patológico, quando sabemos por experiência que a patologia é ela mesma, para o organismos doente, uma norma de vida e que a saúde não está ligada a uma norma de vida particular, mas a um estado de forte normatividade, a uma capacidade de afrontar e criar outras normas de vida. A essência de todo dispositivo está em impor uma divisão autoritária do sensível na qual tudo o que vem à presença se confronta com chantagem de seu caráter binário (TIQQUN, 2019, p. 234-235).

Os dispositivos disciplinares e biopolíticos, como pedagogias, sustentam os esforços da Educação Física na formação do corpo jovem. Do mesmo modo, estruturam os discursos sobre corpo e saúde que desde o cadáver tornou-se, também nos meios de comunicação e suas inúmeras plataformas, hegemônico: a entrada da vida nua (Agamben, 2014) nos cálculos políticos e o controle das populações. Tanto o corpo individual quanto o

corpo coletivo estão sujeitos à normatividade autoritária, na já bem conhecida modalidade de poder proposta por Foucault (2015).

Assim, torna-se importante ampliar os entendimentos em relação ao que comumente se entende ser “saúde”, vista, principalmente pelo senso comum, como uma dimensão em oposição à doença (saúde é a ausência de doença, por exemplo; ou, ser acometido por alguma doença significa não ter saúde) ou como uma perspectiva idealista/utópica como a defendida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que a considera como sendo o “completo bem-estar social”.

Parte (não hegemônica) do campo da Educação Física brasileira tem procurado abordar a saúde sob uma perspectiva ampliada, que a torna complexa e multifatorial, necessitando considerar aspectos biológicos, psicológicos, comportamentais, ambientais, sociais, econômicos/materiais, culturais, políticos, étnicos etc. Nesse contexto, os chamados “determinantes sociais da saúde” são acionados, aproximando a Educação Física (escolar e não-escolar) do movimento da Saúde Coletiva, que vai considerar os conhecimentos das ciências humanas e sociais na abordagem sobre saúde.

A mídia como ferramenta pedagógica para pensar questões de corpo/saúde na Educação Física brasileira

A Educação Física brasileira trabalha no sentido do controle dos corpos de inúmeras maneiras, mas duas, a nosso ver, merecem destaque. Primeiro, a evidente correlação entre a disciplina e seus discursos sobre saúde, quando estabelece a correlação entre atividade física e doenças modernas (conhecidas como “hipocinéticas”: diabetes, hipertensão etc. que se associam aos discursos do risco quanto ao sedentarismo e à obesidade como problema de saúde pública, em que muitos a consideram como uma “pandemia”). Assim, uma parte dos esforços é aplicada como dispositivo de prevenção, controle e cura de uma sociedade cujos corpos, desde a juventude, já carregam a marca da doença como destino, culpa: um pecado original.

Segundo, que mesmo quando a Educação Física se afasta do modelo biomédico de intervenção, ela ainda não sabe fazer outra coisa que não impor aos corpos jovens um modo de ser: esportivo, atlético, performático, forte, magro, coordenado, adaptado a padrões e aos modismos etc.

Por outro lado, a mídia, que no Brasil tem importância significativa, discursa sobre o corpo e a vida ancorados numa experiência burguesa de sociedade, francamente espelhados na imagem de uma elite branca que vive nos grandes centros urbanos, propondo modos de ser que apagam a diversidade econômica (e as desigualdades sociais), cultural, étnica e histórica do Brasil (lembrando que, de modo jocoso ou sensacionalista, as periferias geralmente são representadas repletas de estigmas e com ênfase na violência). O higienismo, assim como o eugenismo, jamais deixaram o Brasil, em que jovens negros parecem predestinados a sofrer discriminações, desprezo, violência e explorações de toda ordem.

Sendo a Educação Física brasileira uma expressão (bio)política da mesma ordem que os meios de comunicação, quais possibilidades de formação para a crítica e para o enfrentamento dos dispositivos de poder contemporâneos a Educação Física, enquanto mediação escolar que oportuniza práticas corporais e diálogos e entendimentos sobre o corpo, pode oferecer? Feita da mesma carne do poder, como separar-se da estrutura que a produziu e fazer nascer uma outra pedagogia que considera as diferenças?

Talvez a resposta esteja em aprender com os corpos jovens, pobres, periféricos, negros, indígenas, femininos, trans, plurais, obesos etc. naquilo que eles nos ensinam quanto à resistência e quanto à criação de seus mundos, ao enfrentarem os dispositivos que insistem em controlá-los, ao expressarem suas experiências de diversidade que tanto a Educação Física quanto os meios de comunicação insistem em normatizar.

Se nos reportamos à leitura deleuziana de Espinosa ao pensar o corpo a partir da potência e dos afetos, vamos ver que, para Deleuze (2002), quando Espinosa menciona que a um cego não lhe falta a visão, ele quer dizer que nenhum corpo pode ser definido pela falta, pelo que ele não tem. Só se pode definir um corpo por aquilo que ele tem. Só se define um corpo pelo que ele não tem se usarmos o dispositivo da comparação. E para comparar, temos que partir de um modelo idealizado, de uma “norma”.

Assim, os corpos historicamente desqualificados à condição de “anormais”, só o são, pois, estão presos ao dispositivo da “normalidade biopolítica” que os compara e, ao fazer isso, põe em variação a sua potência. De um ponto de vista espinosano, um corpo não pode ser comparado tendo como parâmetro outro corpo, a potência de um corpo está em relação às suas próprias capacidades de tecer relações mais potentes e expansivas com outros corpos.

Para Pelbart (2003) daí se dá a inversão do termo forjado por Foucault, a biopolítica não mais como o poder sobre a vida, mas como a potência da vida. A potência política da vida na medida em que ela faz variar suas formas, e reinventa suas coordenadas de enunciação. Neste sentido, a Educação Física tem papel central em fazer estes corpos, via práticas corporais, aumentarem sua potência: “Ao deslocar-se de sua acepção predominantemente biológica o corpo e a vida ganham uma amplitude inesperada e passa a ser redefinida como poder de afetar e de ser afetado” (Pelbart, 2003, p. 83).

Naquilo que os meios geralmente são criticados porque seus produtos culturais apresentam-se como homogêneos e padronizados, ausentes de dimensão crítica e repletos de interesses mercadológicos voltados ao consumo, está a possibilidade de subversão também via Educação Física escolar: a tradicionalidade da Educação Física escolar brasileira pode ser enriquecida e incorporada pela contemporaneidade das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

A aproximação, tematização e utilização das TDIC nas aulas de Educação Física podem permitir/possibilitar, a depender da mediação pedagógica dos professores(as), reflexões, diálogos, tensionamentos e a crítica e a ação corporal, pois indubitavelmente, esses “dispositivos” ampliam o acesso ao conhecimento (sobre corpo e saúde, esporte,

estética, lazer etc.), mas este conhecimento precisa da articulação do professor para se tornar um capital cultural legítimo às novas gerações que estão “enfeitiçadas” pelo universo tecnológico (com o uso de aplicativos diversos, que controlam suas imagens corporais, suas práticas corporais, definem a alimentação, monitoram indicadores corporais como sendo “indicativos de saúde” etc.).

Como, então, as mídias e tecnologias podem se configurar como ferramentas pedagógicas para auxiliar nas reflexões e ações que envolvem corpo e saúde nas aulas de Educação Física? A proliferação de veículos midiáticos, a facilidade de acesso, a mobilidade de nossos dispositivos tecnológicos, a ubiquidade, a cultura da convergência e da conexão, a inteligência artificial, entre tantas outras características do contemporâneo permeado pelas tecnologias, evidencia um momento bastante rico, mas também desafiador e complexo, àqueles e àquelas que se dedicam a tratar das práticas corporais na escola, e os saberes e conteúdos que são mobilizados para tal.

A pesquisa de mestrado de Silva (2011), configurada como uma pesquisa-ação, realizada em contexto escolar, com jovens do ensino médio, na região de Florianópolis (SC/Brasil), articulou a relação entre o discurso midiático a respeito da saúde e atividade física, mobilizando nesses jovens a elaboração de vídeo-minutos, evidenciando-se ambiguidades nas compreensões desses jovens ao reproduzirem “verdades” sobre saúde veiculadas na mídia, ao mesmo tempo em que realizaram interessantes interpretações sobre tais conteúdos.

Jornais, revistas, portais de internet, imagens de redes sociais etc. podem servir para estimular um debate em sala de aula que reflita sobre os corpos e suas modificações ao longo do processo histórico, permitindo pensar sobre corpo, saúde, doença, estética etc.

Acompanhar e discutir quanto aos influenciadores digitais que os jovens seguem e são influenciados e propor debates sobre os conteúdos por eles produzidos e veiculados também pode se configurar em um momento da aula que amplia os significados sobre corpo, consumo, estética etc. Sem contar a experimentação dos aplicativos *fitness*, como exercício crítico-reflexivo sobre a tentativa de “algoritmizar a vida”, a padronização em relação ao binômio atividade física e alimentação e a sua quantificação/calculabilidade, retirando da vida aquilo que é a característica mais exclusiva de um ser humano, a sua própria singularidade.

Ações como essas potencializam a reflexão e a criticidade das novas gerações – e a Educação Física não poderia ficar de fora disso pela sua responsabilidade pedagógica – e auxiliariam a pensar sobre o Brasil ser o segundo país do mundo onde mais se fazem cirurgias plásticas, sobre por que mais da metade das cirurgias no Brasil são para fins estéticos, sobre por que se faz tanta lipoaspiração no nosso país e por que se consome tanta anfetamina e outras drogas para fins estéticos como se fossem para a “saúde”, e assim por diante.

Observar criticamente a produção e circulação de informações sobre corpo, saúde e estética também conduz crianças e jovens a um maior entendimento sobre discursividades

e formas ideológicas, como os interesses mercadológicos, a predominância de saberes de determinadas áreas (como a biomédica em relação aos padrões corporais, à valorização da magreza e à patologização dos corpos gordos), bem como ao desvelamento da superficialidade dos discursos jornalísticos em relação à saúde e às ambiguidades e confusões estabelecidas entre saúde e estética, sem contar aos apelos ao erotismo, tanto feminino quanto masculino (conforme Mól e Pires, 2005).

Breves palavras finais

Este ensaio colocou em movimento a articulação de sentidos sobre o corpo e a saúde na relação com as mídias e tecnologias. Isso significa dizer que as reflexões aqui desenvolvidas são em grande medida, estéticas. São estéticas pois pretendem sensibilizar a partir da reflexão dos conteúdos oriundos das mídias e das tecnologias. No entanto, além de estéticas, são também políticas, na medida em que a relação entre corpo e saúde mediadas pelas mídias e tecnologias são permeadas por regimes e dispositivos políticos, que não estão separados das subjetividades, e portanto, gestam comportamentos.

As questões estéticas e políticas, aqui, estão inseridas em um contexto pedagógico, especialmente ao da Educação Física escolar, que pode aproximar-se cada vez mais da mídia-educação (Belloni, 2001; 2012) – enquanto estratégia que vem sendo estudada, pesquisada e praticada desde a década de 1960, principalmente em países da Europa Ocidental, Estados Unidos da América e Canadá – explorando possibilidades de um trabalho que envolve o uso das mais diversas mídias (analógicas e digitais), para uma educação crítica, participativa, reflexiva e criativa adequada ao contexto e conjuntura da juventude e da educação brasileira.

Assim, a Educação Física, enquanto mediação pedagógica, pode envolver-se com os elementos da mídia-educação e articular seus saberes e fazeres, como no caso aqui abordado, quanto ao binarismo corpo e saúde, no trabalho com os jovens, estimulando-os e mobilizando-os a refletirem sobre padrões corporais, padrões estéticos, padrões de saúde, exigências de mercado/consumo e implicações disso tudo em suas vidas e na saúde mental. São questões imprescindíveis que envolvem juventude, corpo e saúde, e que a Educação Física brasileira não pode deixar de pautar/articular no trabalho com as mídias e tecnologias: é sua responsabilidade pedagógica-estética-política!

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Tradução de Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: contextos, histórias e interrogações. *In*: FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, Pier Cesare (Org.). **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas: Papyrus, 2012, p. 31-56.
- BETTI, Mauro (Org.). **Educação Física e mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- BETTI, Mauro; PIRES, Giovani De Lorenzi. Mídia. *In*: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 282-88.
- BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 2ª. Ed. Ijuí: Unijuí, 1999.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set./dez. 2003, p. 40-52. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>. Acesso: 29 ago. 2020.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- FANTIN, Monica. Mídia-educação no currículo e na formação inicial de professores. *In*: FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, Pier Cesare (Org.). **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas: Papyrus, 2012, p. 57-92.
- FANTIN, Monica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 3ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GROPPO, Luís Antonio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2015v12n1p4>. Acesso: 29 ago. 2020.
- GROPPO, Luís Antonio. Sentidos de juventude na sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 20, n. 1, p. 383-402, jan./jun. 2016. Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/5062>. Acesso: 29 ago. 2020.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. *In*: NOVAES, Regina & VANNUCHI, Paulo. **Juventude e sociedade – trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Perseu Abramo, 2003, p. 89-114.

MANSKE, George Saliba; PICH, Santiago; ZOBOLI, Fabio. Modos de governo na produção de ontologias algoritmizadas. **Ciências Sociais Unisinos**. vol. 59, n. 3, set./dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.4013/csu.2023.59.3.05>

MEZZAROBA, Cristiano. Reflexões sobre a formação de professores, práticas midiáticas e mediações educativas. **Tempos e Espaços na Educação**, São Cristóvão, v. 8, n. 17, p.191-208, set./dez. 2015.

MEZZAROBA, Cristiano. A mídia, as tecnologias e a Educação Física no Brasil: uma descrição genealógica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 13, n. 32, 2020.

MEZZAROBA, Cristiano; BASSANI, Jaison José. Campo, *habitus* e *illusio* - a tríade conceitual de Pierre Bourdieu no exercício de investigar a constituição de um subcampo acadêmico (das mídias e tecnologias) na Educação Física brasileira. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 38, e85962. 2022.

MÓL, Melyssa C.; PIRES, Giovani De Lorenzi. Corpo, saúde e estética no discurso das revistas semanais brasileiras. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14. **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2005.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, Angélica Caetano da. **Os discursos sobre saúde na mídia: limites e possibilidades da tematização na Educação Física escolar**. 2011, 266f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2011.

TIQQUN. **Contribuições para a guerra em curso**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. São Paulo: N-1 edições, 2019.

Notas de autoria

Cristiano Mezzaroba é Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é Professor Associado no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS), atuando no curso de Licenciatura, e também Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Cursando pós-doutorado na *Universidad Nacional de San Martin* (UNSAM, Argentina), sendo Bolsista de Pós-Doutorado no Exterior (PDE/CNPq).

Contato: cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1835801891069733>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4214-0629>

Fabio Zoboli é Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com Pós-Doutorado em Educação do Corpo pela *Universidad Nacional de La Plata* (UNLP, Argentina). Atualmente é Professor Associado no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS), atuando no curso de Licenciatura, e também Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Contato: zobolito@gmail.com

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0682121655932961>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5520-5773>

Fernando Gonçalves Bitencourt é Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é Professor Titular do Instituto Federal de Santa Catarina, Campus São José (IFSC/SJ), onde coordena o Grupo ESCULTURA.

Contato: ferbit@ifsc.edu.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6113034990726287>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6274-4951>

Agradecimentos

Ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela concessão da Bolsa PDE – Pós-Doutorado no Exterior, conforme Chamada Pública no. 14/2023 (Cristiano Mezzaroba).

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

MEZZAROBA, Cristiano; ZOBOLI, Fabio; BITENCOURT, Fernando Gonçalves. Juventude, corpo e saúde: questões para a Educação Física no trabalho com as mídias e tecnologias. *Sobre Tudo*, Florianópolis, v. 15, n. 2 p. 96-108, 2024.

Financiamento

PDE/CNPq.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.



Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista Sobre Tudo. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 22/03/2024

Aprovado em: 20/10/2024

Publicado em: 27/12/2024